

## **A Psicologia do Poltergeist \***

Fátima Regina Machado \*\* &. Wellington Zangari \*\*\*

**RESUMO:** O fenômeno poltergeist ou RSPK (psicocinesia recorrente espontânea), como é tecnicamente chamado em Parapsicologia, é ainda um dos mais intrigantes assuntos estudados na área. Esse fenômeno envolve ocorrências físicas tais como chuvas de pedras, movimentação, quebra, aparecimento e desaparecimentos de objetos, pirogenia, aparecimento de água, sons e luzes sem nenhuma explicação "normal" para esses eventos. A Psicologia tem contribuído para o estudo dessas ocorrências propiciando, através de testes psicológicos, traçar um perfil das pessoas que são ou foram agentes desses fenômenos a fim de tentar detectar o que faz com que certas pessoas passem por esse tipo de experiência e outras não. Scott Rogo alerta para a importância do contexto social em que o agente está envolvido, sugerindo a avaliação psicológica de todos os membros da família envolvidos na ocorrência e não só do agente. Ainda não se chegou a um consenso, porém a hipótese de explicação mais aceita é a teoria psicodinâmica, adotada por William Roll e outros. Um fato interessante é que a psicoterapia tem se mostrado eficiente na tentativa de cessar o fenômeno.

### **Introdução**

As raízes da pesquisa psíquica, que mais tarde originou a Parapsicologia, têm suas bases nas ocorrências cotidianas de experiências ou fenômenos que hoje denominamos parapsicológicos. Ainda que J.B.Rhine insistisse em ter a Parapsicologia como um ramo estritamente experimental dentro da pesquisa psíquica (Beloff, 1993), não foi possível desvencilhar a pesquisa experimental da de campo, uma vez que a segunda fornece subsídios e pistas para um bom desenvolvimento da primeira. O isolamento entre ambas resulta em um trabalho estéril ou, no mínimo, pouco produtivo.

Além dessa interdependência entre os tipos de pesquisa, há que se ter em mente a interdisciplinaridade que exige a Parapsicologia. Sendo uma ciência que toca limites de várias outras ciências, é inadmissível que se possa supor que a Parapsicologia se feche em si mesma, sem olhar para os lados e sem que haja imbricação de conhecimentos com outras áreas de pesquisa. Especialmente a Física e a Psicologia estão conectadas aos estudos realizados sobre psi, trazendo conhecimentos que apontam novas hipóteses de explicação dos mecanismos ou de interpretação dos fenômenos ou experiências supostamente parapsicológicas. Neste trabalho, vamos nos ater às contribuições da Parapsicologia para o estudo dos fenômenos poltergeist ou, tecnicamente, RSPK.

### **RSPK: uma válvula de escape?**

Poltergeist é uma palavra de origem alemã que se popularizou na época da Reforma, sendo utilizada por Martinho Lutero para se referir à ação de um "espírito brincalhão". Assim, polter significa "barulhento, brincalhão" e geist, espírito. Na verdade, geist também pode significar "mente de alguém vivo",

mas de modo geral, esse significado é ignorado. Em Parapsicologia, o termo técnico utilizado para designar os fenômenos poltergeist é "psicocinesia recorrente espontânea" ou RSPK, do inglês recurrent spontaneous psychokinesis. Este termo era utilizado pela equipe do Laboratório de Psicologia da Duke, chefiada por J.B. Rhine, e foi mais amplamente divulgado por William George Roll, psicólogo especialista nos estudos de casos de RSPK que integrou essa equipe de 1957 até meados da década de 1960. Essa denominação está adequada à hipótese de explicação que pressupõe que o fenômeno ocorra devido à ação mental (psicocinesia), seja ela física ou não (1) - o que ainda não foi demonstrado definitivamente - sobre o ambiente de forma repetitiva ou recorrente e não provocada deliberadamente, ou seja, espontânea. Esses fenômenos podem incluir a movimentação, quebra, aparecimento e desaparecimento de objetos, combustão espontânea, vazamentos de água sem nenhum motivo aparente, sons e luzes "misteriosos". (Machado & Zangari, 1994, 1995; Roll, 1972, 1995; Bender, 1976)

Desde o século XVII encontramos registros de algumas poucas investigações feitas sobre casos poltergeist. Porém, nessa época, a preocupação maior das pessoas era combater a bruxaria e a possessão diabólica, pois as ocorrências RSPK eram atribuídas a efeitos de bruxaria ou encantamento ou à intervenção do demônio ou de espíritos maus em nosso mundo. (Machado, 1995)

Nos séculos XVIII e XIX, com o declínio da bruxaria, o desenvolvimento do mesmerismo e do espiritismo, além de outros fatores, as pesquisas começaram a seguir um padrão mais sistemático e rigoroso. (Alvarado, 1983) Apesar disso, não se poderia omitir que inúmeras fraudes flagradas levantaram a possibilidade de que não fosse provável que esse fenômeno pudesse ser genuíno. Supunha-se que tudo não passaria de fraudes bem montadas, com finalidades diversas. Se esta hipótese era confirmada em muitos casos, em outros não encontrava respaldo algum. (Machado, 1994)

Ainda no século XIX, era comum se pensar que a eletricidade - recém descoberta - fosse a responsável por eventos RSPK. Com a explosão do espiritismo nos Estados Unidos e na Europa, outra explicação encontrada por muitos era de que esses fenômenos se deviam à ação de espíritos desencarnados. Essa contraposição entre uma explicação naturalista e outra sobrenaturalista serviu de incentivo ao desenvolvimento de estudos acerca do tema. (Alvarado, 1983)

Neste ponto, pode-se dizer que Freud prestou grande contribuição à tentativa de explicação da RSPK quando formulou a hipótese da existência do inconsciente e descreveu seu possível mecanismo de funcionamento. Ampliando os limites da mente humana, que teria uma parte secreta a ser desvendada, Freud demonstrou - assim como Jung - que há muitas possibilidades humanas ainda não totalmente conhecidas. Isto se reflete nas hipóteses psicológicas que são levantadas para explicar RSPK, e encontram respaldo nas constatações feitas nas pesquisas, ainda que fraudes tenham sido detectadas.

Há evidências de fenômenos físicos nas ocorrências de RSPK. Isto leva a duas perguntas: "Como os objetos podem se mover sem que nenhum mecanismo conhecido seja utilizado?" e "Por que isto ocorre?" Deixemos neste momento de lado a primeira questão que, a princípio, a Física tenta explicar e passemos à segunda, que envolve, em tese, questões psicológicas. (Temos aqui este tom cuidadoso ao delimitar a atuação da Física e da Psicologia porque, naturalmente, tanto as questões físicas quanto as psicológicas devem estar correlacionadas em relação ao fenômeno e, como ainda carecemos de elucidação sobre muitos aspectos dessas ocorrências, convém não sermos categóricos nas afirmações.)

Vários autores, desde o início do século acenaram para a possibilidade de que questões psicológicas estivessem envolvidas no fenômeno de RSPK, fossem eles genuínos ou fraudulentos, através da realização de pesquisas. (Bender, 1969; Bender, 1976; Carrington, 1922; Hasting, 1964; Hyslop, 1913; Machado & Zangari, 1995; Rogo, 1974; Rogo, 1979; Roll & Pratt, 1958; Roll, 1972; Roll, 1995; e outros) Desde a década de 1930, testes começaram a ser aplicados a agentes RSPK para traçar seu perfil psicológico e para verificar se poderiam controlar as manifestações psicocinéticas de acordo com sua vontade. Os resultados não foram muito significativos nesse período. (Alvarado, 1983) Somente em 1958, no entanto, iniciou-se a aplicação mais sistemática de testes psicológicos aos agentes, com a investigação do poltergeist de Seaford, Long Island, realizada por William Roll e Gaither Pratt. Nessa ocasião, Roll iniciou o uso corrente do termo RSPK.

Os testes comumente utilizados na análise desses casos são testes projetivos (TAT e Rorschach) e de associação de palavras. Da análise de vários sujeitos que passaram pela experiência de ser um agente RSPK, foram colhidos dados que apontaram para um certo padrão. Essas pessoas apresentavam problemas em expressar emoções, especialmente sentimentos de raiva e agressividade. Além disso, passavam por um momento de intenso stress devido a desajustes psicológicos ou de relacionamento. (Não vamos aqui entrar em questões fisiológicas.) Isto significa, portanto, que o agente vivia um momento de tensão. A questão é: se todos nós temos momentos tensos no nosso dia-a-dia, se estamos sujeitos a desentendimentos familiares ou profissionais, por que apenas algumas pessoas fazem com que isto influencie fisicamente o ambiente e outras não?

Críticas são feitas quanto à aplicação dos testes projetivos porque a análise das respostas é muito subjetiva e pode ser influenciada pelo pesquisador que, ao analisar os dados, faz ser comprovada a hipótese psicodinâmica por ele já conhecida. Em geral, o psicólogo que faz a avaliação dos resultados conhece o caso que está sendo investigado. Mais um senão levantado pela crítica: talvez a condição de stress ou os desajustes psicológicos detectados sejam resultado de profecias auto-cumpridoras. (Alvarado, 1993) Não é por isso, no entanto, que se deve descartar a utilização de testes psicológicos para estudar o agente. Propõe-se a utilização de testes mais objetivos, como o MMPI (Minnesota Multiphasic Personality Inventory). Alfonso Martinez Taboas, psicólogo porto-riquenho e pesquisador em Parapsicologia, afirma que, em alguns casos, tendo sido aplicado o MMPI, nenhum tipo de psicopatologia foi

encontrado. (Taboas, 1984) As questões psicológicas talvez apontem para um caminho de explicação, mas ainda não constituem respostas definitivas.

De qualquer forma, um aspecto interessante da RSPK, como observa William Roll (1972, 1995) é que os objetos atingidos pelo fenômeno têm uma relação simbólica estritamente ligada à significação dada às ocorrências pelo agente, ainda que, à princípio, ele não se dê conta disso. Para demonstrar essa relação simbólica, Roll (1995) apresenta o caso da menina Tina Resch que, aos catorze anos de idade, foi o centro das manifestações de RSPK que tiveram lugar em sua casa em Columbus, Ohio, em 1984. Roll conta que vários eventos RSPK começaram a ocorrer em um período em que Tina estava muito revoltada com seus pais e passara por várias situações desagradáveis: sua melhor amiga falecera há pouco e Tina rompera com seu primeiro namorado. Ela era filha adotiva e tinha ciúme das crianças que seus pais cuidavam como filhos de criação. Todos os fenômenos que ocorreram naquela casa se relacionavam com objetos ou locais ligados aos pais ou às crianças. Quando Tina se apercebeu de que ela era o centro das ocorrências, começou a ser atingida pelos objetos que se movimentavam. Isto ocorreu após a visita de um pastor que deveria fazer orações para livrar a casa de espíritos ruins. Vendo-se como uma pessoa má, Tina teria iniciado um tipo de auto-punição, ainda que inconscientemente. (Roll, 1995)

Os testes psicológicos realizados com Tina confirmavam o que testes com outros agentes já haviam demonstrado: agressividade mal-direcionada e dificuldade de integração no ambiente familiar. Apesar destes resultados apontarem para a confirmação de sua explicação favorita, Roll não deixa de se questionar acerca da interpretação psicológica e das falhas que poderiam estar ocorrendo quanto à avaliação do caso. O fato é que há muitas dificuldades de investigação dos casos RSPK devido à escassez de ocorrências que chegam ao conhecimento de pesquisadores seriamente interessados em conduzir um trabalho sério acerca desse fenômeno. Como o próprio Roll diz, falta ainda uma peça importante a respeito do que faz com que determinadas pessoas sob tensão manifestem RSPK e outras não. E ele aposta que isto esteja diretamente relacionado ao modo de interação agente-meio ambiente.

Scott Rogo, na década de 1970, propôs que a responsabilidade sobre a ocorrência do fenômeno não deveria recair sobre uma pessoa apenas. (Rogo, 1979) É certo que alguém, de alguma forma, está sempre mais diretamente ligado à RSPK, mas se a ocorrência do fenômeno é consequência de stress e problemas de relacionamento, então todo o grupo ou a família que convive com o agente deve também se submeter à investigação.

Em um trabalho apresentado na 22ª Convenção Anual da Parapsychological Association, em 1979, Rogo fundamenta suas idéias acerca da dinâmica familiar descrevendo a investigação de um caso ocorrido em Los Angeles entre 1978/79. A todos os membros da família em questão - pai, mãe e filhos - foram aplicados o Rosenzweig Picture-Frustration Test (2) e o Rotter's Incomplete Sentence Blank. A avaliação dos testes foi feita por Gertrude Schmeidler, que sabia se tratar de um caso de RSPK, mas não tinha conhecimento de quem respondera cada teste em particular. Os resultados demonstraram que todos

os membros daquela família tinham padrões semelhantes quanto à agressividade e dificuldade de relacionamento. Claro que isto não anula a hipótese de que haja um agente central, mas aponta para um caminho que deve ser melhor explorado: "... a personalidade de vários membros de uma família pode desempenhar um papel crucial na ontogênese da erupção de um poltergeist, assim como a personalidade de um suposto agente." (Rogo, 1979)

Em que pesem todas as dúvidas que ainda pairam sobre os aspectos psicológicos do poltergeist, convém lembrar que, se ainda não conseguimos chegar a uma conclusão definitiva sobre como e porque eles acontecem, temos evidências de como fazê-lo parar de ocorrer. A psicoterapia tem se mostrado muito eficaz na cessação do fenômeno. Aparentemente, se o agente resolve problemas internos e toma consciência de emoções contidas, retraídas, abafadas, as ocorrências tendem a diminuir até cessarem por completo. (Bender, 1969, 1976; Roll, 1972) Este foi o caso de Annemarie, considerada o agente do Caso Rosenheim, apresentado pela primeira vez ao público em 1969 por Hans Bender. Ela vivia sob forte tensão no local de trabalho, pois não gostava dali. Estranhos acontecimentos se deram no escritório de advocacia onde ela era secretária: movimentação de objetos, comprometimentos inexplicáveis das instalações elétricas e problemas com o telefone. Através de investigações, Bender detectou que Annemarie seria a "responsável" por aquelas ocorrências. Ela se surpreendeu ao saber disso. Ao tomar consciência desse fato, mudou-se de emprego e os fenômenos escassearam até cessar por completo. (Bender, 1976)

Outro exemplo é o caso estudado por Wellington Zangari, ocorrido na periferia de São Paulo em 1987. "...Objetos sumiam para aparecer posteriormente do lado de fora da casa, vultos escuros eram vistos, brisas geladas eram percebidas em determinados pontos da residência e colchões, móveis e roupas eram queimados sem que ninguém tivesse colocado fogo neles. Tudo acontecia às vistas dos moradores da casa (pai, mãe e três filhos) sem que ninguém fizesse o menor movimento. A família, que era espírita, acreditava que tudo fosse causado pela ação de espíritos desencarnados, que agiam por intermédio do filho mais velho, então com 12 anos de idade. Apesar da explicação religiosa encontrada pela família, aceitaram que um pesquisador acompanhasse o caso." (3)

Algumas ocorrências foram diretamente observadas pelo pesquisador Wellington Zangari. Nenhuma fraude foi detectada, o que não significa que todos os eventos fossem genuínos. "Os fenômenos pareciam estar realmente relacionados ao filho de 12 anos. O garoto dizia ser capaz de se comunicar com os vultos que, segundo ele, faziam exigências absurdas: mudar de casa, trocar de carro, deixar o garoto ficar em casa em vez de ir à escola... As exigências eram atendidas, pois a família temia a represália dos espíritos.

O pesquisador verificou que os fenômenos eram utilizados inconscientemente pelo menino, como forma de livra-se de obrigações e também para satisfazer seus desejos e dominar a família. Sendo também psicólogo, o pesquisador iniciou uma terapia familiar com a finalidade de discutir e redefinir os papéis

familiares. À medida que o relacionamento familiar foi recuperando o equilíbrio, os fenômenos foram escasseando até que cessaram por completo." (4)

## **Conclusão**

Se ainda há muito o que descobrir sobre RSPK, boas pistas sobre esse fenômeno já aparecem através das especulações em torno de seus aspectos psicológicos. Somente através do investimento em mais pesquisas nessa área, não apenas a nível de casos espontâneos, mas também laboratoriais, é que poderemos lançar mais luzes a respeito desses eventos intrigantes.

As dificuldades de investigação desse fenômeno se constituem em um obstáculo para que se descubra mais a respeito dos mecanismos envolvidos nas ocorrências, sejam eles físico, psicológicos, ou, psicofísicos. Mas ao invés de deixarmos o estudo desses casos de lado temendo suas dificuldades, devemos investir nosso tempo e esforços para investigá-los da melhor maneira possível, estando abertos às críticas quanto à metodologia e tendo bom senso para aprimorar os métodos de investigação. Assim, mais condições teremos de elaborar experimentos que explorem a psicocinesia de forma mais eficaz. Como diz William Roll: "... as investigações de campo têm uma função valorosa em Parapsicologia - não como um modo de encontrar uma prova científica do fenômeno psíquico, mas como um modo de se ter 'insights' sobre sua natureza, que podem, então ser testadas sob condições controladas." (Roll, 1972, p. xvii) "Um poltergeist ativo oferece uma excelente possibilidade para a pesquisa..." (Roll, 1977)

## **Notas**

(1) A fisicalidade ou não da PK é matéria de discussão entre os parapsicólogos. O Dr. Rhine estava convencido da não-fisicalidade de PK, embora outros parapsicólogos divergissem dessa proposição. Chales Honorton, por exemplo, sustentou que era muito prematuro assumir a idéia da não-fisicalidade de PK. (Palmer, 1993)

(2) O Rosenzweig Picture-Frustration Test é uma variação do teste HTP (House-Tree-Person).

(3) Dos arquivos do INTER PSI, publicado na Revista Brasileira de Parapsicologia, nº 4, p. 11 e em MACHADO, F.R. & ZANGARI, W. Conversando sobre Casas Mal-Assombradas: O Fenômeno Poltergeist. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 42.

(4) Idem, RBP p.11 e MACHADO, F.R. & ZANGARI, W. Conversando... p. 43.

**Inter** **de** **Semiótica,** **Interconectividade** **e** **Psi**  
**Grupo** **de** **de** **Estudos** **e** **Consciência,**  
**Centro** **de** **de** **Estudos** **e** **Peirceanos,**  
**Programa** **de** **de** **Estudos** **e** **Pós-Graduados**  
**em** **Comunicação** **e** **Semiótica,**

**PUC-SP**  
BRASIL

### **Referências Bibliográficas**

ALVARADO, C.S. Avaliações psicológicas de sujeitos poltergeist. Revista Brasileira de

Parapsicologia nº 2, pp. 32-36, São Paulo, SP, 1993.

\_\_\_\_\_. Poltergeist research and conceptualization in the United States: A review of old and recent developments. Psychical Research Foundation, Ed. Theta 1, nº 1, pp. 9-16, Spring, 1983.

BAYLESS, R. The enigma of the poltergeist. Park Publishing Company, Inc. West Nyack, New York, 1967.

BENDER, H. New Developments in Poltergeist Research. Proceedings of the PA, 1969, 6, 81-102.

\_\_\_\_\_. A pesquisa moderna do "poltergeist"- A necessidade de uma abordagem sem preconceito. In Parapsicologia Hoje - Organizador: John Beloff. Editora Arte Nova, Rio de Janeiro, 1976.

CARRINGTON, H. Physical and psychophysiological researches in mediumship. In C. Vett (Ed.), Le Compte Rendu Officiel du Premier Congres International des Recherches Psychiques a Copenhague, Copenhagen, 1922.

DUNCAN, L. & ROLL, W. Psychic Connections: A Journey into the Mysterious World of Psi. New York: Delacorte Press, 1995.

FLAMMARION, C. As casas mal-assombradas. Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, RJ, 1980 (Publicado originalmente em francês em 1968)

FODOR, N. On the Trail of the Poltergeist. New York: Citadel Press, 1958.

GAULD, A. & CORNELL, A.D. Poltergeist. London: Routledge & Keagan Paul, 1979.

HYSLOP, J.H. Poltergeist Phenomena and Dissociation. JASPR, 1913, 7, 1-56.

MACHADO, F.R. Um fantasma em minha casa? Uma Introdução aos fenômenos de poltergeist ou RSPK. Revista Brasileira de Parapsicologia, São Paulo, Brasil, 1994, nº 4.

MACHADO, F.R. & ZANGARI, W. Conversando sobre casas mal-assombradas: O fenômeno poltergeist. Paulinas: São Paulo, 1995.

PALMER, J. The Psi Controversy. JP, Vol. 57/nº2, june 1993, p. 185. 1993.

ROGO, D.S. Psychotherapy and the Poltergeist. JASPR, 1974, 47, 433-446.

\_\_\_\_\_. The Poltergeist and Family Dynamics: A Report on a Recent Investigation. In W.G.Roll (Ed.), RIP, 1979. Metuchen, NJ: Scarecrow Press, 1980.

ROLL, Willian G. The poltergeist. New York: Nelson Doubleday, Inc., 1972.

\_\_\_\_\_. Towards a theory for the poltergeist. European Journal of Parapsychology, 1978, 2, 167-200.

\_\_\_\_\_. Poltergeists. In Handbook of Parapsychology. McFarland and Company, Inc. Publishers, North Carolina and London, 1977.

\*Originalmente publicado en **Revista Virtual de Pesquisa Psi**.

\*\* Fátima R. Machado es Directora Ejecutiva de Centro de Estudos Peirceanos, Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, PUC-SP. Además es miembro pleno de la Parapsychological Association (PA) y Vice-Presidente de la Asociación Iberoamericana de Parapsicología (AIPA). Premiada en 1998 con el "Gertrude Schmeidler Student Award" otorgado por la Parapsychological Association (PA).

\*\*\* Wellington Zangari es director de Inter - Psi: Grupo de Estudios de Semiótica, Interconectividade e Conciencia, Centro de Estudos Peirceanos, Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, PUC-SP. Además es miembro pleno de la Parapsychological Association (PA) y miembro de la Junta Directiva de la Asociación Iberoamericana de Parapsicología (AIPA). Premiado en 1998 con el "Gertrude Schmeidler Student Award" otorgado por la Parapsychological Association (PA).